

# MOVIMENTOS AMBIENTALISTAS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: MILITÂNCIA COMO ESPAÇO EDUCACIONAL

## ENVIRONMENTAL MOVEMENTS AND ENVIRONMENTAL EDUCATION: MILITANCY AS AN EDUCATIONAL SPACE

Reobbe Aguiar Pereira<sup>1</sup>

Adriana Keila Dias<sup>2</sup>

Nanci do Nascimento Souza<sup>3</sup>

JUNQUEIRA, Elaine de Sousa Guideti; KAWASAKI, Clarice Sumi Kawasaki. OS Movimentos Ambientais e a Educação Ambiental: A Militância Como Espaço Educativo. In: Cadernos CIMEAC – v. 7. n. 2, 2017. ISSN 2178-9770 UFTM | Uberaba – MG, Brasil.

As autoras do texto, inicialmente expõem a histórica preocupação da humanidade com a saúde do meio ambiente. Segundo elas, essa preocupação tem se intensificado no final do século XX e início do século XXI. Nesse contexto surgiram as primeiras organizações defensoras do meio ambiente. Elas evoluíram teoricamente na compreensão da relação homem/natureza e também cresceram em praticidade interventiva, a ponto de orquestrarem um embrião da atual a educação ambiental. No rol das novas expectativas da intervenção ambiental, nascia em escala global a militância, que vez por outra se funde com o ambiente político, gerando alguns conflitos em âmbito interno das nações (caso brasileiro) e na esfera internacional, como bem se exemplifica a atuação das ONG's estrangeiras em território amazônico e nas florestas africanas.

As autoras ainda destacam que a intensificação da preocupação com o meio ambiente, deriva-se das consequências da Revolução Industrial, cujo impacto determinou a intensa poluição dos rios, lagos, mares, etc., e com os milhões e milhões de toneladas de substâncias poluentes jogadas na atmosfera terrestre. Isso contribuiu para acender uma luz vermelha sobre a relação homem/natureza, que logo, transformou-se em militância com o consequente questionamento sobre a degradação do solo e também das florestas nativas.

Atrelada à Revolução Industrial surgiram, portanto, as preocupações com o consumo fora dos padrões de sustentabilidade ambiental. Inicialmente de forma tênue e tímida, até mesmo pela raquítica compreensão que se tinha sobre as questões ambientais e o consumismo.

Observando-se a gênese dos *movimentos ambientalistas* descobre-se que eles têm suas origens em lugares e tempos diferentes, mas todos com uma característica comum: minimizar a forma predatória como o ser humano se relaciona com a natureza.

1 Enfermeiro; Especialista Enfermagem do Trabalho; Urgência e Emergência; Unidade de Terapia Intensiva - UTI; Informática em Saúde, e Mestrando em Ciências Ambientais. E-mail: reobbeap@hotmail.com

2 Bacharel em Enfermagem; Mestranda em Ciências Ambientais. Pós-graduada em UTI. E-mail: adrianakeiladias@hotmail.com

3 Assistente Social. Mestranda em Ciências Ambientais. E-mail: nancinascimento28@hotmail.com

A educação ambiental, desenvolvida no Brasil, portanto, está de certa forma “contaminada” pelas concepções de outros ambientes políticos, especialmente dos E.U.A e da Europa. Entretanto, devido às características sociopolíticas brasileira, que são bastante particularizadas, deve-se compreender que a EA praticada em território nacional tem forma própria e sua influência no ambiente social e político é marcante e intensa, chegando ao ponto da criação de partidos políticos e de outras formas de agremiações, que tocam a vida dos brasileiros no sentido de ampliar o a compreensão e o respeito ao meio ambiente de forma quase inusitada entre as nações. O cerne dessa compreensão é nunca priorizar nem o homem nem a natureza, mas sim a relação entre eles, uma vez que o ser humano é também parte da natureza. Desse modo, não tem como se estabelecer dicotomias.

Grosso modo, pode-se afirmar que neste século XXI a luta é para que os movimentos ambientalistas e sua militância compreendam que o homem precisa da natureza, tanto quanto a natureza precisa do homem. A convivência pacífica e não predadora de ambas às partes é o objetivo para esse século XXI.

Na concepção atual sobre a EA, não há espaço para a dicotomia entre o homem e a natureza. Eles não são distantes e não pode mais existir a visão antropocêntrica dessa relação. A compreensão deve ser a de uma convivência harmoniosa, bela e tranquila, sem o predatismo que marcou essa relação por milênios. Compreende-se hoje que a sociedade humana é dinâmica e se reconstrói ou tenta se reconstruir a cada fase em que se vislumbram ameaças severas à vida. Nesse contexto, a relação sustentabilidade ambiental e o progresso se tornou antagônica, dando motivos para muitas reflexões científicas sobre suas consequências negativa oriundas da falta de disciplina no consumo para a qualidade de vida da sociedade humana na terra. A luta é exatamente esta: “destruir” esse antagonismo.

Algo que chama a atenção é a estreita visão de que só existe na natureza o homem e o meio ambiente. E os demais seres vivos? Não contam? Como fica esse meio ambiente para os demais animais? Deriva da EA britânica a intensificação com a proteção dos animais. Isso tem crescido no Brasil, diante da vasta fauna brasileira. É dever da militância ambiental chamar mais e mais a atenção para a proteção da fauna, mesmo dos animais criados em cativeiro para o consumo humano. Neste contexto, no Brasil e no mundo tem-se criado as “Sociedades Protetoras dos Animais”, que tem como principal objetivo evitar a matança indiscriminada de aves marinhas, da pesca predatória, da crueldade contra animais domésticos e da caça desenfreada de animais silvestres.

No contexto da relação do ser humano com os demais animais, destaca-se a disputa entre os conservacionistas e os preservacionistas. Os primeiros com pensamento voltado para a intocabilidade dos animais (vegetarianos e veganos) e os segundos voltados para o consumo sustentável. Discussões à parte, ambas às correntes são importantes para a saúde da relação entre o homem e os demais animais.

Diante desse pensamento protecional, que se estende à fauna e à flora e demais componentes da natureza, surgiu novos movimentos ambientalistas, os quais têm o poder de tornaram-se de exercer pressão sobre o segmento político com o apoio da sociedade forçando à classe política a assumir responsabilidades na formação de leis que garantam a proteção dos recursos naturais, que criminalizem a caça e a pesca predatória e que possam contribuir para a qualidade de vida das populações.

A reboque desses movimentos protecionistas tem acontecido em todo o mundo e com caráter global os encontros internacionais para a discussão sobre o meio ambiente, a exemplo da a Conferência de Estocolmo (em 1972); da Conferência Internacional de Belgrado (em 1975) que (culminou com a formulação de princípios para a formulação de um programa internacional de EA, focado na erradicação da pobreza, do analfabetismo da fome, da poluição, exploração e dominação humanas; a Conferência Internacional de Tbilisi em 1977), que foi a primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, apresentando os objetivos, funções, estratégias, características e recomendações para a EA e a Conferência Internacional de Moscou (em 1987), que avaliou o desenvolvimento da EA desde a Conferência de Tbilisi, e traçou um plano de ação para a década de 90. Mas modernamente ocorreram a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Rio 92, que têm se tornado expressões práticas dessa luta, com reflexo na formulação de políticas públicas em diferentes esferas de poder e nas ações de movimentos ambientalistas no mundo todo.

É bem verdade que tais fóruns e conferências resultaram de esforços estatais e governamentais, mas foram, principalmente, impulsionados pelas lutas e movimentos sociais, que viam na educação ambiental, a possibilidade de desenvolver e multiplicar uma conscientização maior sobre estas questões.

Desse modo, a contraposição entre o Direito Ambiental e o desenvolvimento da economia mundial tem gerado preocupações para toda a humanidade quando se percebe desobediência jurídica aos preceitos básicos de conservação do meio ambiente. Os direitos oriundos desse embate ideológico são tutelados e desse modo devem ser encarados pelos protetores do meio ambiente e pelos operadores da justiça.

É nesse clima que as diversas nações procuraram proteger seu meio ambiente, legislando em favor da proteção da natureza e criando as chamadas áreas de conservação ambiental. No Brasil não foi diferente e foram criadas várias dessas áreas, tendo como peculiaridade a existência em solo brasileiro a maior floresta tropical da terra, a Floresta Amazônica, além do Serrado e da Mata Atlântica, que sempre foram alvo da ganância dos empresários, especialmente das grandes mineradoras e madeireiras de todo o mundo, além dos traficantes de animais silvestres e grandes pecuaristas.

Mas tudo que se refere ao Brasil, em termos de movimentos ambientalistas e EA, nasceu sobre a égide do que ocorria na Europa e nos E.U.A., desse modo, não vale uma análise fora desse contexto. O viés que prevalecia e ainda prevalece na EA brasileira é o preservacionista, por isso, a criação de tantas áreas de proteção ambiental, parques e similares. É que o Brasil, ambientalmente se falando, foi colonizado de forma grosseira e predatória. Não havia por parte dos colonizadores, o menor respeito ao meio ambiente. Milhões de hectares de floresta foram impiedosamente destruídas e a fauna quase que dizimada. O conflito logo foi gerado e nos deixou uma herança maldita de consumismo sobre o preservacionismo. E, apesar das intensas campanhas de respeito ao meio ambiente e a ação incontestável da militância, até hoje o consumo predatório e irresponsável se sobrepõe às ações de equilíbrio ambiental e da convivência pacífica homem/natureza.

Não se pode dizer que o governo encontra-se ou foi inerte diante dessa situação de destruição da natureza no Brasil, buscando amenizar as questões que envolvem o desenvolvimento sustentável, cujos reflexos na economia são negativos, pelo menos momentaneamente, o governo brasileiro procura elaborar e executar políticas públicas para a extensibilidade das vagas de trabalho, no entanto, a geração de empregos é insuficiente para absorver essa massa que cresce nos grandes centros. O inchaço das cidades acarreta não só o desemprego, violência e exclusão social, mas também o desmatamento, a poluição, a contaminação de rios e principalmente a produção de lixo. Assim, por conta dessa convergência de problemas o poder público se mostra incompetente para lidar com tais problemas agravando-os ao ponto de se colocar em xeque a própria sustentabilidade do sistema econômico.

É oportuno aqui destacar que no Brasil os movimentos ambientalistas surgiram em dois patamares distintos: um em ambiente urbano e outro em ambiente rural. Inicialmente eram antagônicos e se contrapunham, mas aos poucos foi se unindo. A aproximação mais intensa ocorreu no período entre 1982 e 1985. Esse foi um outro marco relevante na história do ambientalismo brasileiro.

Outro ponto a se destacar é que os movimentos ambientalistas brasileiros têm uma massiva participação da esquerda, uma vez que seu crescimento deu-se também politicamente, quando as esquerdas procuram lutar contra a ditadura militar. Não há como negar que a luta por um ambiente mais preservado contaminou a luta política de saída dos governos ditatoriais militares, ganhando também uma luta ideológica (luta verde) e por cargos políticos. O positivo disso foi a inserção de parte do pensamento preservacionista na atual Constituição Brasileira, criando um ambiente propício para o nascimento de uma legislação mais abrangente e rigorosa sobre o meio ambiente.

Isso, de certa forma, tem influenciado positivamente na Educação Ambiental, feita em ambiente escolar e político, mostrando toda a complexidade do processo e indicando novos rumos para se lidar com as diversas situações.

Para finalizar deve-se salientar que, apesar das louváveis iniciativas de vários segmentos da sociedade para implementar a Educação Ambiental nos diversos níveis das novas concepções, ainda não

se obteve o retorno que se espera dessas medidas. Embora se tenha conseguido alguns avanços, ainda tem-se um enfoque bastante “naturalista”, sem a profundidade que a questão exige.

Recebido em 4 de maio de 2019.

Aceito em 16 de agosto de 2019.

